

Uma abordagem construcionista para os diferentes usos de 'levar'

A constructionist approach to the different uses of 'to take'

Allan Costa Stein*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Propõe-se uma abordagem integrada e preliminar dos diferentes usos de *levar*, a partir de uma perspectiva construcionista baseada no uso (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Langacker, 2008; Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013; entre outros). Assim, além de se caracterizarem alguns dos principais empregos desse verbo nos dados do *Corpus do português* (Davies; Ferreira, 2006), apresentam-se hipóteses acerca das relações de herança que as construções mais idiossincráticas mantêm com a Construção de Movimento Causado (CMC) – considerada o contexto de uso mais prototípico do verbo *levar* (Paz e Silva, 2009; Stein, 2020). Com relação aos empregos considerados, constatou-se que *levar* ocorre preferencialmente em construções de verbo-suporte, como [*levar* vantagem] e [*levar* a vida], ambas vinculadas ao esquema [*levar* SN]; também são muito comuns no corpus construções mais procedurais, a exemplo do conector [*levando* em conta], que estabelece relação de causa do tipo *se X, então Y*. Quanto às relações de herança, há evidências de que o esquema de verbo-suporte [*levar* X] viabiliza, pelo menos em parte, diversas construções independentes, funcionando como ponto de contato entre elas e a CMC. Considerando que as construções elencadas não são descritas exhaustivamente, apresenta-se aqui um breviário de tais unidades para que sejam investigadas com mais detalhe em trabalhos futuros.

Palavras-chave: Gramática de construções. Verbo *levar*. Relações de herança.

Abstract: We propose an integrated and preliminary approach to the different uses of *levar* 'to take' from a usage-based constructionist perspective (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Langacker, 2008; Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013; among others). Thus, in addition to characterizing some of the main uses of this verb in the *Corpus do Português* data (Davies; Ferreira, 2006), hypotheses are presented about the inheritance relations that the more idiosyncratic constructions maintain with the Caused-Motion Construction (CMC) – considered the context of the most prototypical use of the verb *to take* (Paz e Silva, 2009; Stein, 2020). Regarding the uses analyzed, we found that *levar* 'to take' occurs preferentially in constructions with light verbs, such as [*levar* vantagem] 'take advantage' and [*levar* a vida] 'get on with life', both linked to the schema [*levar* NP]. More procedural constructions are also very common in the corpus, such as the connector [*levando* em conta] 'taking into account', which establishes a causal relationship of the type *if X, then Y*. As for the inheritance relations, there is evidence that the schema with the light verb [*levar* X] enables, at least in part, several independent constructions, working as a point of contact between them and the CMC. Whereas the constructions listed here are not exhaustively described, we present a breviary of such units, so that they can be investigated in more detail in future works.

Keywords: Construction grammar. Verb *to take*. Inheritance relations.

* Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; allanstein1@gmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, apresentamos uma análise preliminar de diferentes construções com o verbo *levar*, dentro de uma perspectiva construcionista baseada no uso. O objetivo é demonstrar que ocorrências aparentemente não correlacionadas desse verbo podem receber tratamento integrado, quando analisadas dentro do modelo teórico proposto, que opera com construtos tais como: *construção* (entendida como pareamento forma-função), *relações de herança* e *rede construcional* (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2013).

O trabalho se vale de pesquisas anteriores, que permitem vislumbrar a natureza altamente produtiva de *levar*, e parte também de um levantamento preliminar feito através de busca automática no banco de dados do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006).

A escolha pelo corpus deve-se à extensão e representatividade da amostra, composta por 45 milhões de palavras, divididas em 57 mil textos de diferentes gêneros, distribuídos ao longo dos séculos XIII a XX. Quanto às construções, elas serão brevemente caracterizadas morfossintática e semanticamente, para que sejam retomadas e descritas oportunamente, com o devido rigor. Prioriza-se aqui a abordagem das construções mais idiossincráticas, ou seja, aquelas que perderam em composicionalidade e/ou analisabilidade.

Espera-se, assim, que o presente trabalho auxilie no desenvolvimento dos estudos construcionistas do português, que se vêm estabelecendo nos últimos anos em nosso país com contribuições relevantes para a compreensão da gramática de nossa língua (Miranda; Salomão, 2009; Cezario; Furtado da Cunha, 2013; Oliveira; Rosario, 2015; entre outros).

A perspectiva teórica aqui adotada é a *gramática de construções baseada no uso* (Goldberg, 1995, 2006; Kemmer; Barlow, 2000; Langacker, 2008; Bybee, 2010; Hilpert, 2014; entre outros). Deste modo, a língua/gramática é concebida como uma rede simbólica e estruturada de construções, que têm em comum a propriedade de associarem padrões de forma – fonologia, morfologia e sintaxe – a padrões de significado – propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2013).

De acordo com esse modelo teórico, a gramática *stricto sensu* pode ser analisada como um subsistema emergente, que codifica a semântica proposicional e a pragmática discursiva (Givón, 2002), valendo-se para isso de construções gramaticais específicas, como as construções de estrutura argumental (Goldberg, 1995) e tantas outras, cujo desenvolvimento diacrônico já foi amplamente estudado, por exemplo, dentro do paradigma da gramaticalização (Heine; Kuteva, 2002; Votre; Cezario; Martelotta, 2004; entre outros).

Algumas questões motivaram nosso interesse pelos usos envolvendo o verbo *levar*, entre elas: (i) por que esse item lexical participa da composição de dezenas de construções, revelando-se altamente produtivo na língua?; (ii) que relação as construções mais idiossincráticas como *levar um esfrega* ‘ser repelido duramente’ mantêm com ocorrências mais canônicas, que envolvem a ideia de movimento direcionado?; (iii) seria possível descrever e explicar a formação das construções tanto lexicais quanto gramaticais de modo integrado? Essas perguntas serão retomadas ao longo do artigo,

FLP 24(1)

sem qualquer pretensão de nossa parte em respondê-las de modo completo e definitivo por ora.

Com base nessas informações, apresentamos, na próxima seção, uma breve caracterização do comportamento multifuncional de *levar*, tendo em vista alguns usos já descritos em outros trabalhos. Em seguida, na seção 3, elencamos algumas construções que, embora muito produtivas, ainda não foram detidamente analisadas. Por fim, na seção 4, apresentamos as considerações finais.

2 CONSTRUÇÕES COM *LEVAR*

Em trabalhos anteriores (Paiva; Stein, 2019; Stein, 2020), destacamos a natureza altamente produtiva do verbo *levar*, que, para além do uso prototípico na Construção de Movimento Causado (CMC), exemplificado em (1), também se manifesta em outros contextos morfosintáticos, participando da composição de diferentes construções, com graus variados de produtividade, composicionalidade e esquematicidade (Traugott; Trousdale, 2013).

- (1) E se per uentura algũa besta y morrer ou boy, peyte outra tal e tan boa a seu dono e a pëa suso dita cû el ou o preço que ualer. E se non morrer e alguu mal ou dano prender, peyte o dano qual for cõna pea do marauidi. E esta meesma pëa aia *quem tomar bestcha alhea por carrear ou por leuar algũa cousa* sê mandado do seu dono que o nõ demandou. (Foro Real, séc. XIII, Davies; Ferreira, Corpus do Português, 2006, grifo nosso).

O exemplo (1), datado de 1280(?), é uma das ocorrências mais antigas de *levar* no corpus. Nesse exemplo, o verbo se insere na CMC, assumindo significado equivalente a transportar objeto, animal ou qualquer entidade concreta de um ponto X para um ponto Y, ambos localizáveis no espaço geográfico. O sujeito é interpretado como *indutor* do processo e apresenta o traço semântico [+ humano]; o complemento direto é interpretado como a *entidade deslocada* e tem o traço [- humano]. O significado da expressão é inteiramente composicional, já que o sentido do todo é derivado dos significados das partes componentes.

Há, contudo, outras ocorrências de *levar* nesse mesmo período (séc. XIII), em que diferentes subesquemas da CMC foram acionados, como em (2), onde o referido verbo assume mais propriamente o significado de induzir/impelir/obrigar X [vítima; + humano] a se dirigir para um ponto Y, localizável no espaço, sendo, pois, em alguma medida, responsável por seu deslocamento:

- (2) *Se algũt omẽ leuar molher solteyra per força* por fazer cû elha fornizeo e o fezer, moyra por en. (Foro Real, séc. XIII, Davies; Ferreira, Corpus do Português, 2006, grifo nosso).

Em (2), o agente potencial, embora indutor, não necessariamente transporta mulheres à força – tal como se faz com um objeto portátil –, mas as obriga a movimentar-se de um ponto espacial para outro. Trata-se, portanto, de um uso diferente da CMC, que apresenta diferentes subesquemas relacionados entre si por link de polissemia (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2013; Furtado da Cunha, 2017).

Além da CMC, também são facilmente identificáveis no corpus, especialmente em períodos posteriores ao séc. XIV, ocorrências de *levar* na construção causativa, em que X induz Y a uma mudança de estado ou a fazer alguma coisa (ex.: João levou o pai à loucura / A crise na empresa levou Maria a pedir demissão)¹, e na construção transitiva, onde, frequentemente desacompanhado de complemento locativo, *levar* assume o significado aproximado de ‘roubar’ (ex.: Os ladrões levaram meu celular). Isso se dá porque, nesse tipo de situação, o destino do meliante fica em segundo plano em relação à ideia de afastamento, decorrente do furto, entre vítima e objeto.

Destacam-se ainda as construções de verbo-suporte, como [*levar* susto] e [*levar* a sério], ambas associadas a um esquema construcional mais amplo [V X], em que o verbo se prende a um complemento integrado não verbal (*slot* X), genérico, para formar com ele um *predicador complexo* – de ação, processo, ação-processo ou estado. Juntos, verbo-suporte e complemento integrado, especificam os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos com os quais ocorrem, codificando uma cena específica (Borba, 1996; Ignácio, 2003).

Embora o complemento do verbo-suporte seja prototipicamente de natureza nominal (SN), Machado Vieira (2018, p. 93) destaca a possibilidade de esse verbo combinar-se com categorias sintagmáticas menos comuns, notadamente sintagmas preposicionados (SPreps), como em [*levar* em consideração]. Em Ilari e Basso (2014, p. 106), destaca-se a grande quantidade e variedade de construções de verbo-suporte, que, de acordo com os autores, “se distribuem com efeito ao longo de um contínuum em que encontramos desde casos de verdadeiras ‘frases feitas’ altamente estereotipadas até construções com um molde morfossintático bem definido, que permanece aberto a um preenchimento extremamente variado”².

Sendo assim, as construções com o verbo-suporte *levar* agrupam-se em diferentes subesquemas, perfilando, em geral, participantes distintos para a posição não verbal e codificando valores semânticos diferenciados, como: agressão física, agressão psicológica, processo mental, aspecto durativo, modalidade etc. (conferir a próxima seção).

Ressalte-se também que ocorrências potencialmente menos frequentes, como *levar uma copada*, criada por nós e equivalente a ‘ser agredido com um copo’, constituem *tokens* ‘exemplares’ da construção de verbo-suporte [*levar* SN], devido à baixa frequência de uso; por outro lado, [*levar* tiro], com alta frequência, tanto em textos orais quanto em textos escritos (sobretudo, em narrativas de violência), embora ainda esteja vinculado a [*levar* SN] por link de instância, parece ter-se automatizado, vindo a funcionar como uma unidade gramatical por direito próprio. Deste modo, deve ser tratado como uma construção independente (Goldberg, 1995; Croft, 2001).

Essa diferença é relevante para o modelo teórico adotado, uma vez que apenas *construções* – e não construtos, sempre atestados na materialidade do discurso – são concebidas como unidades da gramática, tendo um lugar à parte na memória permanente do falante (Goldberg, 1995; 2006). Nos termos de Traugott e Trousdale

¹ Os exemplos que aparecem entre parênteses neste artigo são de autoria própria e são apresentados para facilitar a compreensão dos conceitos, sem prejudicar a fluidez do texto. Trata-se de exemplos prototípicos dos casos em discussão.

² A existência de categorias periféricas preenchendo o *slot* que acompanha o verbo-suporte é interpretada, neste trabalho, como um caso de *gradiência categorial*, nos termos de Aarts (2003).

(2013), a *rede* correspondente ao sistema linguístico é inteiramente formada por construções, isto é, pareamentos de forma e significado que funcionam como ferramentas convencionalizadas e perspectivadas de se falar sobre aspectos da realidade biopsicossocial (Tomasello, 2003, 2019). Os *construtos*, por outro lado, correspondem à totalidade dos enunciados produzidos pelos falantes, podendo ou não se afastar das construções que os instanciaram, dado que estas variam bastante em termos de esquematicidade e podem apresentar *slots* abertos a uma ampla gama de itens lexicais.

Também merecem destaque, a título de exemplificação da variedade de usos do verbo *levar*, construções de caráter mais procedural/gramatical, como o conector oracional [*levando* em conta], sempre com verbo no gerúndio, que estabelece relação de causa do tipo *se X, então Y* (ex.: levando(-se) em conta a situação do país, é urgente repensarmos o voto nas próximas eleições). O uso da partícula *se* é muito frequente nesse tipo de construção, embora não seja obrigatório.

Para concluir esta breve apresentação, citamos também a já referida construção causativa [SN₁ *levar* SN₂ a X], em que X pode ser nominalização ou SV (ex.: O dinheiro pode nos levar à loucura / leva muitas pessoas a pensar diferente). Como defendido em Stein (2020), a construção causativa teria atuado no processo de construcionalização de [[levar a cabo] ↔ [concluir, realizar; conduzir até o fim]], atestada no *Corpus do Português* mais tardiamente, a partir do séc. XVII.

Embora as construções com *levar* se diferenciem em suas propriedades morfosintáticas e semânticas, assumimos que todas elas se relacionam com a CMC em um nível mais alto, dado que novas construções emergem a partir da *reanálise* – ou “neoanálise”, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) – de instâncias de construções mais antigas (Bybee, 2010, 2011, 2015). Além disso, considerando que uma construção prévia transfere propriedades de forma e significado para as construções que dela se originam, tem-se que os diferentes usos de *levar* mantêm entre si relações de herança variadas (Goldberg, 1995, 2006). Algumas construções com *levar* herdam propriedades da CMC apenas indiretamente, como é o caso de [*levar* um tiro], cujo vínculo com a CMC se dá por intermédio da construção de verbo-suporte.

A esse respeito, um estudo diacrônico dos exemplares mais prototípicos na posição não verbal da construção [*levar* X] poderia esclarecer em que medida certos empregos, como [*levar* um fora], se relacionam com a CMC. Isso porque alguns construtos de [*levar* SN], com outros itens lexicais na posição não verbal, recuperam mais facilmente o traço de movimento da CMC, revelando contextos que podem ter culminado na formação de [*levar* SN]. O exemplo em (3), aqui caracterizado como ambíguo, permite analisar melhor o caso:

- (3) Desaparece pelo ultimo plano á esquerda)..) SCENA III Gregorio (Só.
Olhando para a carta que tem na mão) - Ah carta! carta...!!!.. Quem me dera
saber o que ella contém.. mas abrí-la abril-a era arriscar-me a muito..
Guardá-la-ei Guardal-a-hei fechada, pois talvez possa servir para alguma
coisa. (Guarda a carta) Eis-me aqui pois feito mensageiro de um e outro.. O
tal Camões não póde tardar.. hade vir buscar a resposta, e já está preparada.
- Esse é que hade pagar por ambos; *hade levar uma lição* que o escarmente
para sempre de andar a correr aventuras de amores d' amores. (Almeida
Garret, séc. XX, Davies; Ferreira, Corpus do Português, 2006, grifo nosso).

No exemplo (3), extraído de uma peça de teatro de 1935, “levar uma lição” pode receber ao menos duas diferentes interpretações, a depender do grau de composicionalidade atribuído à sequência. Em uma primeira leitura, talvez a mais frequente, *levar* é analisado como verbo-suporte e *só* predica junto de “uma lição”; a expressão toda assume o significado ‘aprender à força, de maneira involuntária’. Essa construção relaciona-se diretamente com a construção [dar uma lição], à que se opõe do ponto de vista semântico (ex.: A vida deu uma lição nele *vs.* Ele levou uma lição da vida).

Por outro lado, também é possível atribuir à sequência destacada uma leitura metafórica da CMC, em que o SN₂ é interpretado como ‘alguma coisa que o agente carrega consigo’; trata-se aqui de uma leitura mais composicional, em que X é carregado por Y [na memória]. A diferença é sutil, mas existe: no caso da construção de verbo-suporte, o sujeito *não* é interpretado como agente, mas como experienciador; diferentemente da CMC.

Se essa hipótese estiver correta, há evidências de que a construção de verbo-suporte com *levar* se relaciona, por herança metafórica, com a CMC. Quanto à construção [levar tiro] e tantas outras construções correlatas, que a princípio não lembram em nada a ideia de movimento/deslocamento espacial, pode-se argumentar que elas teriam se estabelecido a partir de processos de analogização, que teriam atuado a partir de instâncias prévias, mais prototípicas, de [*levar* SN]. Essas afirmações devem ser encaradas com cautela, contudo, pois só podem ser devidamente avaliadas a partir de um estudo diacrônico, que investigue a expansão da construção.

Partindo dessa perspectiva, em Stein (2020), apresentamos evidências de que [*levar a cabo*], vinculado à ideia de concluir, realizar, conduzir até o fim e/ou instaurar, mantém link de instância com a construção causativa e, concomitantemente, link de subparte com a construção [a(o) cabo de SN], que acumulava as funções de marcador de tempo e de espaço no século XVII, quando [*levar a cabo*] foi atestado inicialmente.

Além disso, considerando que [*levar a cabo*] constitui um predicator complexo, em que o verbo *levar* e o SP *a cabo* operam juntos para especificar as propriedades do complemento direto e do sujeito, pode-se acrescentar à proposta de Stein (2020) que tal construção também participa da classe das construções de verbo-suporte, contraindo herança múltipla com ao menos três padrões construcionais, portanto. Isso explicaria a dificuldade de se estabelecerem as propriedades dessa construção a partir de regras ou princípios gerais de interpretação semântica.

O verbo *levar*, devido à sua alta produtividade, chamou a atenção de diferentes estudiosos, entre eles: Paz e Silva (2009), Smarsaro e Rodrigues (2015) e Stein (2020). Todavia esses trabalhos são incomparáveis do ponto de vista teórico-metodológico e adotam uma abordagem centrada no item lexical, deixando escapar generalizações importantes que *só* são identificadas quando lançamos o olhar para o nível do enunciado, em que as sequências linguísticas podem ser (re/neo)analisadas de maneira inovadora, sob certas condições pragmáticas (Traugott; Trousdale, 2013; Perek, 2015).

Em Borba (1990), por exemplo, apresentam-se mais de 30 acepções do verbo *levar*. A definição do verbete, no entanto, pauta-se nas propriedades sintático-semânticas associadas a cada uso registrado, notadamente à relação verbo-complemento, sem referência explícita às construções de estrutura argumental que instanciam tais usos.

Por outro lado, a gramática de construções, de posse de construtos teóricos como a noção de *construção* e *relações de herança* (Goldberg, 1995; 2006), permite capturar generalizações importantes entre ocorrências aparentemente não correlacionadas, o que confere maior poder explanatório ao modelo. Além disso, não é necessário recorrer a mecanismos estranhos à gramática para que se explique o surgimento e o funcionamento das construções lexicais, tradicionalmente concebidas como irregulares/anômalas e não passíveis de sistematização.

A título de comparação, enquanto Borba (1990, p. 879-881) interpreta as ocorrências “pegou o rapaz e levou-o até a sua rede” e “Eusébio levou a mão ao ventre” como exemplares de acepções distintas, dentro do arcabouço construcionista, ambos os exemplos são vistos como instâncias de CMC, divergindo entre si apenas quanto ao subesquema que realizam.

Apresentadas essas considerações iniciais, na próxima seção, vamos elencar algumas das construções do corpus, acompanhadas de análises preliminares que apontam para as propriedades mais salientes de cada uso. Em seguida, procedemos às considerações finais, onde são levantadas questões de pesquisa.

3 CONSTRUÇÕES EM REDE: DIFERENTES USOS DE *LEVAR*

Reafirmamos que alguns usos não são tratados aqui, seja porque já foram descritos em perspectiva construcionista, seja porque constituem instâncias da CMC ou da construção transitiva, padrões mais regulares cujo *slot* do verbo, por ser altamente esquemático, recruta uma ampla gama de itens lexicais. Em suma, estamos concentrados nas construções mais idiomáticas, em que *levar* está previamente especificado.

A tabela 1 apresenta as propriedades mais salientes das construções escolhidas, caracterizadas a partir de sua estrutura sintática e configuração semântica. À esquerda, há uma representação mais genérica – e, de certo modo, informal – da construção, enquanto outras informações pertinentes estão na coluna da direita:

Tabela 1 – Construções com o verbo *levar* no *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006).

Construção	
[<i>levar</i> SN]	Grupo 1: <i>levar</i> pontapé / empurrão / encontrão / pisadela / coronhada / navalhada / facada / soco / tapa / sova / etc. Grupo 2: <i>levar</i> susto / sumiço / choque / queda / volta / etc.
[<i>levar</i> a vida]	<i>levar</i> a vida / trabalho / estudos / empreendimento [SP _{modo}]
[<i>levar</i> vantagem]	<i>levar</i> vantagem [em alguma coisa]
[<i>levar</i> X _{TEMPO}]	<i>levar</i> horas / dias / meses / etc. [para fazer algo]
[<i>levar</i> SP _{prep}]	Grupo 1: <i>levar</i> a sério / a mal / em conta / em consideração [sem.: <i>processo mental</i>] Grupo 2: <i>levar</i> adiante / a efeito / a cabo [sem.: <i>causativa</i>]
[<i>levando</i> em conta]	Levando(-se) em conta / em consideração
[X não <i>levar</i> a nada]	Isso não leva a nada / lugar nenhum

Fonte: Elaboração própria.

É possível observar que todas as construções se conformam ao esquema [*levar* X], em que X = SN ou SP. Sendo assim, uma primeira questão que se coloca é: todas essas construções derivam apenas da construção de verbo-suporte [*levar* X]? Ou construções como [*levar a cabo*] e [*levar adiante*] também manteriam relação de herança com o padrão causativo [SN₁ *levar* SN₂ a X], por exemplo?

Uma hipótese plausível é que, em certas instâncias da construção causativa, sobretudo aquelas nas quais o objeto direto é de grande extensão, o SP – que é menos esquemático e mais previsível – associou-se a *levar*, formando com ele o predador complexo [*levar* SP].

A análise preliminar realizada a partir dos dados do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006) demonstra que, em construções como [*levar a cabo*] e [*levar adiante*], é altíssima a posposição do complemento objeto direto ao complexo [*levar* SP], especialmente quando este é de grande extensão (ex.: Ele resolveu levar a cabo todos os projetos que estavam engavetados *vs.* ?Ele resolveu levar todos os projetos que estavam engavetados a cabo³). Isso indica perda de analisabilidade de [*levar* SP], já que são restritos os contextos onde há material interveniente a esse *chunk* ‘exemplar’.

Um segundo aspecto a destacar na tabela 1 é a natureza polissêmica da construção de verbo-suporte [*levar* SN]. A depender do constituinte a que se associa *levar*, diferentes relações semânticas são instauradas. Assim, enquanto as construções do Grupo 1 predicam sobre um sujeito conceptualizado como *alvo* de alguma agressão (física ou psicológica) cometida por outrem, no Grupo 2, a intervenção de um agente externo é bem menos evidente, embora possível.

As construções [*levar a vida*] e [*levar vantagem*] são duas construções lexicais, que parecem ter-se desprendido da construção de verbo-suporte [*levar* SN], a qual outrora as instanciou. A primeira, que poderíamos classificar como ‘construção de gerenciamento’, recruta para o *slot* não verbal itens como *trabalho*, *estudo* e *igreja*, e vem sempre modificada por advérbio de maneira (ex.: Ele leva os estudos a sério). Do ponto de vista semântico, tal construção caracteriza-se por indicar o modo como determinado campo da vida pessoal ou profissional de alguém é gerenciado.

Já a construção [*levar vantagem*] apresenta baixo grau de esquematicidade, e o verbo aparece frequentemente no passado perfeito, indicando que alguém se beneficiou indevidamente de algo. Trata-se de uma construção usada geralmente de modo pejorativo, atrelando-se a contextos pragmáticos específicos.

Por sua vez, a construção de tempo dispendido [*levar* X_{TEMPO}] indica a demora de alguém para concluir uma atividade, indicando aparentemente valor aspectual (ex.: A professora levou 10 dias para corrigir as provas). O *slot* não verbal é preenchido por substantivo que indica o tempo de duração da atividade, mensurável em termos de dias, horas, minutos ou até milênios.

Quanto a [*levar* SPrep], entendemos que essa construção também participa do esquema mais geral [*levar* X]. De acordo com levantamento preliminar, quando o *slot* não verbal é encabeçado por preposição, as expressões resultantes tendem a apresentar

³ O ponto de interrogação antecede a ocorrência quando esta é concebida como sendo de aceitabilidade duvidosa.

semântica causativa (ex.: O juiz foi assassinado e não conseguiu levar o processo a cabo) ou indicar processo mental (ex.: O juiz não levou em conta a argumentação do advogado na defesa do réu).

Por fim, destaquem-se as construções [*levando em conta*] e [*não levar a nada*]. A primeira ocorre sempre com verbo no gerúndio e predominantemente com partícula *se*, introduzindo orações subordinadas. Já a segunda, que tipicamente recruta sujeitos eventivos (ex.: Mexer com coisa errada não leva a lugar nenhum), é usada para indicar a avaliação do falante acerca das possíveis consequências de uma determinada atitude.

É importante reafirmar que a caracterização aqui proposta é preliminar e, inclusive, encontra-se sob análise quando se escrevem estas linhas. Para confirmar (ou não) as informações apresentadas, faz-se mister coletar um conjunto mais significativo de dados para verificar se as hipóteses aqui apresentadas têm evidência empírica efetivamente robusta. Além disso, outras construções poderão entrar na tabela 1, a depender da amostra e período considerados.

4 PARA (NÃO) CONCLUIR...

Outras construções podem ser adicionadas à tabela 1, apresentada na seção anterior. Além disso, o estudo das propriedades dessas construções pode ser aprofundado em trabalhos futuros. Para isso, é necessário o uso de ferramentas estatísticas adequadas ao manuseio de uma grande massa de dados e, ainda, o levantamento das variáveis (linguística e extralinguísticas) relevantes para explicar o funcionamento de cada construção.

Em Stein (2020), apresentamos uma análise aprofundada do processo de construcionalização de [*levar a cabo*], caracterizada a partir dos seguintes grupos de fatores, entre outros: *tipo de estrutura* (ativa, passiva), *propriedades do estado de coisas* (valor semântico, presença de quantificadores e de modalizadores), *propriedades do indutor* (papel temático, animacidade, traços de número e pessoa etc.), *propriedades do participante afetado/efetuado* (traço semântico concreto/abstrato, definitude, item lexical etc.), *século* etc. Ao todo, foram analisadas 348 ocorrências, submetidas a tratamento estatístico com auxílio do software *GoldVarb-X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Trata-se, até onde sabemos, do primeiro trabalho diacrônico sobre o verbo *levar*, podendo servir de base para outros estudos construcionistas acerca desse e de outros verbos. As construções aqui apresentadas podem ser analisadas, a princípio, a partir de grupos de fatores semelhantes.

Além disso, é importante lembrar que um trabalho mais amplo sobre a diacronia das construções com *levar* demandaria também investigação aprofundada das propriedades mais relevantes da CMC e da construção transitiva, em seus diferentes usos. Isso viabilizaria a identificação dos possíveis contextos críticos que teriam culminado no surgimento das construções mais idiossincráticas.

Por fim, em um estágio mais avançado, seria possível também comparar as diferentes construções com *levar* e relacioná-las entre si, tendo em vista suas propriedades semântico-estruturais, os períodos de atestação e as relações de herança estabelecidas entre elas no curso da evolução da língua. Em outras palavras, seria possível elaborar uma espécie de rede construcional desse verbo.

REFERÊNCIAS

- Borba FS, coordenador. Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil. São Paulo: Editora da UNESP; 1990.
- Borba FS. Uma gramática de valências para o português. São Paulo: Ática; 1996.
- Bybee J. Language, usage and cognition. Cambridge: Cambridge University Press; 2010.
- Bybee J. Usage-based theory and grammaticalization. In: Narrog H, Heine B, editores. The Oxford handbook of grammaticalization. Oxford: Oxford University Press; 2011. p. 69-78.
- Bybee J. Language change. Cambridge University Press, 2015.
- Cezario MM, Furtado da Cunha MA, organizadores. Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad-X; 2013.
- Croft W. Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press; 2001.
- Davies, M, Ferreira, M. Corpus do português: historical genres [internet]. 2006. [citado 06 jun. 2021]. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>.
- Furtado da Cunha MA. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. D.E.L.T.A. 2017;33(1):109-132. [citado 07 jun. 2021]. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/32317/22357>.
- Goldberg AE. Constructions: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press; 1995.
- Goldberg AE. Constructions at work: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press; 2006.
- Givón T. Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 2002.
- Heine B, Kuteva T. World lexicon of grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press; 2002.
- Hilpert M. Construction grammar and its application to English. Edinburgh: Edinburgh University Press; 2014.
- Ignácio SE. Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica. 2.^a ed. São Paulo: Editora Ribeirão Gráfica; 2003.
- Ilari R, Basso R. O verbo. In: Ilari R, organizador. Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto; 2014. p. 65-242. (Vol. 3).
- Kemmer S, Barlow M. Introduction: a usage-based conception of language. In: Barlow M, Kemmer S, editores. Usage based models of language. Stanford: CSLI Publications; 2000, p. 7-28.
- Langacker R. Cognitive grammar: a basic introduction. New York: Oxford University Press; 2008.
- Machado Vieira, MS. Predicar com construção com verbo suporte. p. 91 -112. In: Paula A et al., organizadoras. Uma história de investigações sobre a língua portuguesa: homenagem a Sílvia Brandão. São Paulo: Blucher; 2018. p. 91-112. [citado 01 mar. 2021]. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/06-21011>.

Miranda NS, Salomão MMM, organizadoras. Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2009.

Oliveira MR, Rosario IC, organizadores. Linguística centrada no uso: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj; 2015.

Paiva MC, Stein AC. Trajetória da construção [SN levar jeito SPrep]. Diadorim. 2019;21(2):168-187. [citado 06 jul. 2021]. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/27416>.

Paz e Silva LV. Predicações com o verbo levar: aspectos relativos à multifuncionalidade e gramaticalização [dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2009.

Perek F. Argument structure in usage-based construction grammar: experimental and corpus-based perspectives. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 2015.

Smarsaro A, Rodrigues VV. Verbos-suporte dar/levar: um caso de gramaticalização?. Letrônica. 2015;8(2):359-375. [citado 01 set. 2021]. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/20398>.

Stein AC. Trajetória da construção [levar a cabo]: uma abordagem construcionista baseada no uso [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2020.

Sankoff D, Tagliamonte SA, Smith E. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows [programa de computador]. 2005. [citado 01 out. 2021]. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>

Tomasello M. Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition. Cambridge: Harvard University Press; 2003.

Tomasello M. Becoming human: a theory of ontogeny. London: Belknap Press of Harvard University Press; 2019.

Traugott EC, Trousdale G. Constructionalization and constructional changes. Oxford: Oxford University Press; 2013.

Votre S, Cezario, MM, Martelotta, ME, organizadores. Gramaticalização. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2004.

FLP 24(1)